

EDITORIAL

por Raquel Abecasis

Tempo de férias



Este é o momento do ano em que olhamos para o trabalho feito e tentamos traçar o caminho percorrido e o que falta percorrer.

Esta Newsletter conta-nos histórias da Guiné e de Moçambique que contam a estória de mais um ano de vida e trabalho.

Em Matutuíne, a Filipa Zacarias conta-nos as atualizações do projeto *Machambeiros de Matutuíne*, mais uns passos no trabalho que já leva mais de duas décadas junto das associações da província Moçambicana de que a VIDA já é parte integrante.

Da Guiné, chegam notícias dos passos que estamos a dar para alargar o trabalho feito na saúde materno- infantil à região de Bissau. Dezenas de supervisores operacionais estão já a ser formados pela Rita que lhes está a dar as ferramentas para que estes homens e mulheres possam levar a saúde aos bairros e aldeias da maior região da Guiné-Bissau.

Lá do norte chegam-nos também notícias fresquinhas do trabalho nas aldeias na área da saúde e também os primeiros frutos do projeto *Kópóti pa cudji nô futuro*, um projeto agrícola que está a trazer novas técnicas às populações para a produção de hortícolas.

E como a VIDA é uma realidade em permanente evolução, neste número apresentamos também o mais recente projeto em colaboração com os Bagabaga Studios e Eyes of the Street: através da fotografia, as mulheres guineenses testemunham a sua própria história.

E pronto, estamos em época de férias, em Agosto recuperamos forças para voltar a um trabalho que nunca é rotineiro e que, sobretudo, não deixa nunca de nos desafiar.

A realidade do terreno é a nossa fonte inspiradora e o nosso desafio quotidiano, um desafio que exige a recuperação de forças, porque é bom voltar ao trabalho.



Por Edson Domingos Embana

Coordenador de projeto

Importância das Mutualidades nas comunidades de Suzana e Varela



É indiscutível a importância das mutualidades nestas comunidades, criadas no âmbito do projeto “*Anhacanau Adjanhau – A mulher líder na gestão dos serviços de saúde materno-infantil*”, e que têm sido largamente reconhecida por todos os elementos destas mesmas comunidades.

Ao aderir à mutualidade, o inscrito pode usufruir, pelo valor simbólico de 300 xof por mês (cerca de cinquenta cêntimos), de consulta nas Unidades de Saúde Comunitária e nos Centros de Saúde de Suzana e Varela, de medicamentos e cuidados de saúde básicos e, nos casos mais graves, de evacuação para o hospital “Bacar Mané” em São Domingos.

Tendo em conta que a maioria das famílias têm dependentes menores, a mutualidade inclui, no cartão dos pais ou responsáveis pela criança, crianças até aos 13 anos de idade. Este é mais um dos motivos pelo qual a mutualidade é tão importante.

Para compreender melhor a importância do sistema mutualista, é necessário conhecer o país e as regiões em que foi implementada. Estamos a falar da Guiné-Bissau, um dos países mais pobres do mundo, onde as taxas de mortalidade, principalmente de mortalidade materno-infantil, são elevadas e onde quase não existem apoios governamentais à saúde. Suzana e Varela são duas localidades de difícil acesso e com poucos recursos.

Antes da mutualidade, cada elemento da comunidade dependia de si próprio e da sua família para conseguir pagar as despesas de saúde. Com o sistema de mutualidades, diminuem-se as dificuldades das famílias e estas sentem-se mais seguras.●



Por Rita Pais

Responsável pela Qualidade e Formação

*Tabanka Ku Saudi** é um projeto financiado pelo Camões – Instituto da Cooperação e da Língua, pela Fundação Calouste Gulbenkian e pela UNICEF, tendo como principal objetivo a aceleração da redução da mortalidade materno-infanto-juvenil. Para além de abranger as regiões de Cacheu e Biombo está prestes a estender-se ao Setor Autónomo de Bissau.

Tendo em conta que não trabalhamos ditando as necessidades das pessoas, ou inventando formas de as colmatar, que se perdem quando os projetos acabam, através do *Tabanka*, trabalhamos no reforço das políticas de saúde do país, conjuntamente com as direções Regionais de Saúde. Poderia elencar agora índices, taxas, atividades emuitas outras coisas técnicas que podem ser lidas em relatórios, mas não é isso que se pretende.

Não sou recente na VIDA e a Guiné-Bissau é uma casa para mim, mas a minha função na ONGD enquanto Responsável pela Qualidade e Formação tem apenas cerca de seis meses de idade. Uma das minhas mais importantes funções, passa por gerir uma equipa de SOT – Supervisores Operacionais de Terreno – que trabalham diretamente com RAS – Responsáveis das Áreas Sanitárias – e com ASC – Agentes de Saúde Comunitária. Sim, a saúde comunitária é um eixo fundamental na política de saúde da Guiné-Bissau e assume um papel de destaque, pelo que os e as ASC têm como missão a promoção de 16 Práticas Familiares Essenciais, junto dos agregados familiares das suas comunidades. Concretizando, estas práticas prendem-se com questões de higiene, água e saneamento, sensibilização para formas de prevenção de doenças, a vacinação, consultas pré-natais, cuidados ao recém-nascido e ainda questões, aqui de suma importância, como grávidas e crianças dormirem sob um mosquiteiro.

São os e a SOT que, todos os dias, apoiam, acompanham e supervisionam o trabalho destes(as) ASC e que, incansavelmente respondem aos imprevistos que lhes são solicitados. É a minha equipa. Seguindo metodologias da educação participativa, os nossos encontros têm um forte cariz dialógico, horizontal, de entreajuda, em que todos discutimos as dificuldades, dúvidas e, muito importante, definimos soluções. Aprendemos todos e todas conjuntamente, tendo na linha do horizonte a melhoria constante para realizarmos um trabalho com qualidade. Não é fácil, mas sinto e penso que se trata de usufruir do caminho, das aprendizagens que nos proporciona e, fundamentalmente, da gratificação que advém das relações interpessoais.

Obrigada à Carlota, ao Bertrand, ao Domingos, ao Flávio, ao Mário Indequê, ao Mário Saúde e ao Telmo.●



Por Óscar Fernandes

Engenheiro agrónomo do projeto *Kópóti pa cudji nô futuro*

Campo Horta-Escola



Considerado um dos triunfos do projeto *Kópóti pa cudji nô futuro*, representa também uma inovação no que se refere à intervenção em horticultura nesta região e, talvez por isso, esta atividade tenha começado por enfrentar alguns constrangimentos e desafios. Primeiramente, por parte da comunidade sobre os verdadeiros objetivos e vantagens do Campo Horta-Escola e, em segundo, pela dificuldade em encontrar um terreno adequado e disponível para a sua realização.

Depois de várias reuniões de explicação e esclarecimento entre a equipa técnica e a comunidade, as dificuldades e as dúvidas começaram a dar lugar a um entendimento absoluto dos verdadeiros motivos e vantagens que o Campo Horta-Escola traria para a comunidade. Isso fez com que a ideia se alterasse: em vez de ter, como no início, um interlocutor (equipa técnica do projeto), passou a contar com a comunidade como segundo interlocutor e, assim sendo, no lugar de desentendimentos, surgiu a concórdia em dar seguimento a todo o esforço para a consolidação da ideia. Com este campo também se pretende, em conjunto com o Ministério da Agricultura, nomeadamente com o Instituto Nacional de Investigação Agrícola, desenvolver atividades em parceria, sendo ela o braço do Estado da Guiné-Bissau, responsável pela certificação, criação e multiplicação de sementes.

Contamos também com a contribuição da Escola Superior Agrária de Ponte de Lima em aconselhamento técnico para a realização da ideia.

Os objetivos principais do Campo Horta-Escola são:

- Formação das mulheres horticultoras em novas técnicas de horticultura;
- Testagem de variedades tradicionais e introduzidas de hortícolas e de arroz;
- Formação em técnicas de compostagem;
- Ensaio de variedade e rotação de culturas;
- Ensaio de fertilização de culturas;
- Técnicas de fazer viveiro;
- Introdução de novas culturas.

Devido a dificuldades em encontrar materiais e fornecedores credíveis para a realização do Campo Horta-Escola, a previsão do começo dos trabalhos no primeiro ano do projeto não se concretizou.

No entanto, apesar das dificuldades encontradas, progressos significativos foram alcançados, sendo que de momento o campo está praticamente pronto para a realização da atividade; o terreno foi totalmente mobilizado e vedado; o sistema de fornecimento de água (furo, depósito, eletrobomba e painéis) já foi montado e está a funcionar na sua plenitude. Também foram construídos sistemas de drenagem de água dentro do campo, faltando só a montagem do sistema de rega (gota a gota) que, neste momento, com as fortes chuvas não será possível realizar, mas de salientar de que já foram encontrados fornecedores para aquisição dos materiais necessários para a montagem do sistema de irrigação do campo e também os fertilizantes e corretivos necessários para a aplicação.

Para a época chuvosa pretende-se fazer ensaios experimentais de variedade de tomates resistentes às chuvas, cereais (milho, arroz) amaranthus para se tentar introduzir na dieta alimentar da comunidade.

Neste momento no campo, temos uma pilha de compostagem montada, que será agora removida, dando espaço para montagem de uma outra, com o objetivo de comparar os dois compostos (da época seca e da época das chuvas).

Por Filipa Zacarias

Coordenadora de projeto

O projeto *Machambeiros de Matutuine** tem como principal objetivo e resultado a construção da primeira Casa Agrícola deste Distrito. Nesta primeira fase estamos no processo de instalação das suas fundações em termos de criação na União de condições de ampla participação na definição do seu modelo de gestão e na sua Direção da capacidade de o implementar.

As condições de ampla participação são de grande importância numa rede de Associações distribuídas por uma área de 5000 km, onde os processos de decisão são hierarquizados à razão de 1:50 (9 cargos de Direção para 450 membros das Associações - membro da União).



Dia de Campanha sobre nutrição e alimentação destinado às famílias de Matutuine

Este projeto tem também uma forte componente de reforço da Segurança Alimentar das famílias-membro da União, desenvolvendo o trabalho iniciado no projeto anterior da VIDA, no qual foi criado um grupo de produtoras de Batata-Doce de Polpa Alaranjada (BDPA). Estas produtoras mantêm até hoje material vegetativo viável e, no decurso das formações recebidas, alteraram de forma significativa os seus hábitos alimentares, inclusive com reflexos positivos mensuráveis nos dados antropométricos das suas crianças (resultados da avaliação de impacto realizada por Rute Caeiro e Pedro Vicente da NOVAFRICA).

Sintetizando este primeiro trimestre do projeto, na componente (a) definição do modelo e capacidades de gestão da Casa Agrícola realizámos: 3 rondas de informação e consulta a todas as Associações-membro da União totalizando 21 encontros; adquirimos o trator, charrua, atrelado para o arranque da preparação das áreas a cultivar na campanha agrícola de 2016-2017; e levámos um grupo de 25 produtores da União à feira nacional agropecuária MOZAGRO no dia 2 de Julho. Na componente (b) Segurança Alimentar: 1 ensaio dos efeitos comparados da fertilização mineral e orgânica sobre a produção de BDPA nos campos do Centro de Desenvolvimento Comunitário de Djabula; distribuição de 80 kg de ramas ao grupo de produtoras de BDPA de Djabula, Manheane, Caiado e Tinonganine; 1 curso aos agentes comunitários de saúde de Matutuine em matéria de Nutrição e Conservação de Alimentos; e um dia de campanha divulgando e debatendo os aspetos mais relevantes à nutrição e alimentação das famílias, da perspetiva dos alimentos e recursos localmente disponíveis.●



Visita à feira agropecuária MOZAGRO, através da VIDA e do Instituto de Investigação Agrária de Moçambique

Fotografar é dar Vida - Testemunho

Por Elisabete Monteiro¹ e Daniel Meirinho²

¹Bagabaga Studios ²Eyes of the Street

O desenvolvimento é um processo contínuo, feito de relações e que leva tempo, muito tempo. Esta definição é tão verdade como é verdade que há momentos isolados, experiências curtas, acontecimentos únicos que nos mudam a vida.

Ver vinte e oito mulheres guineenses ocuparem o Centro Cultural Português com a sua exposição fotográfica mudou-nos a vida: a nós que aplaudimos, a elas que dançaram e a todos os que assistiram.

Esta exposição foi o culminar de três longas semanas de aprendizagem. Tudo começou com uma campanha de recolha de câmaras fotográficas em Portugal e no Brasil. As câmaras angariadas chegaram às mãos de um grupo de vinte e oito mulheres envolvidas no projecto da Casa das Mães no dia 13 de Junho, o primeiro dia do workshop de fotografia participativa.

Nenhuma delas tinha fotografado antes mas trinta minutos depois do arranque do encontro já todas o sabiam fazer. As câmaras iam passando de mãos em mãos. Ligar, desligar, enquadrar, fotografar, todas experimentaram. A partir daquele momento as câmaras eram delas.



Ao longo de três semanas este grupo de mulheres de Suzana e Varela fotografou o seu quotidiano, os trabalhos diários, a tabanca, a família, as amigas e algumas cerimónias tradicionais.

Os encontros aconteciam sempre ao final da tarde. Às vezes eram momentos para sair pela tabanca a fotografar, outras vezes para ver e falar sobre as imagens.

A fotografia tem o potencial de gerar discussão. A imagem passa a desempenhar um papel de agente catalisador de diálogos e reflexões em torno das preocupações das fotógrafas e da perspectiva pessoal e coletiva do grupo.

Esta metodologia - denominada de Photovoice - gerou uma compreensão mais alargada das visões e contextos, o que foi essencial tanto para as mulheres como para os técnicos que acompanham o projeto *“Anhacanu Adjanhau – A mulher líder na gestão comunitária dos serviços de saúde materno-infantil”*.


As mulheres fotógrafas tiraram cerca de cinco mil fotografias que são um instrumento de manifestação e projeção de suas vozes. No final, o grupo selecionou os temas mais importantes e as fotografias que os representavam. Foi desta forma que se montou uma exposição itinerante que passou primeiro pelas tabancas de Suzana e Varela, chegando depois a Bissau.


“Aqui estão representadas todas as nossas preocupações. Não se esqueçam de nós, que nós não nos esqueceremos de vocês” - disseram as mulheres na hora de despedida.


No final, todos percebemos que experiências como esta são sempre viagens sem volta. Nenhuma de nós voltará a ser igual. A exposição? Essa continuará a sua viagem. As mulheres? Agora, são fotógrafas. •





A VIDA num minuto

 No dia 20 de Março, as camponesas de Matutuine estiveram em Oxford na Conferência Anual do CSAE (Centre for the Study of African Economics), onde Rute Caeiro e Pedro Vicente, investigadores da NOVAFRICA, apresentaram os resultados da avaliação de impacto realizada no âmbito do projeto “Conhecer, Produzir e Nutrir” em Moçambique financiado pelo Instituto Camões e Fundação Calouste Gulbenkian.

 Dia 19 de Abril foi o 6º aniversário da inauguração do primeiro Centro Comunitário de Saúde Materno Infantil de São Domingos. Este centro encontra-se em pleno funcionamento com gestão tripartida entre o Ministério da Saúde, a Associação de Mulheres Embuerer e a VIDA. O grande desafio dos próximos 6 anos será torná-lo no Centro Materno Infantil de referência da Guiné-Bissau!

 Os Centros de Saúde de Sedengal e Pelundo (Guiné-Bissau) receberam, em Abril, a visita oficial da Direção Regional de Saúde de Cacheu, depois de terem sido reabilitados no âmbito do projeto “Anhacanau Adjanhau” financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian e pelo Instituto Camões.

 A Exposição “Fotografar é dar Vida” foi inaugurada no dia 30 de Junho no Centro Cultural Português, em Bissau, uma atividades integrada no “Anhacanau Adjanhau”, financiado pelo Instituto Camões e Fundação Calouste Gulbenkian. Durante 3 semanas, 28 mulheres guineenses aprenderam a utilizar a fotografia como forma de ilustrar o seu quotidiano.

 A VIDA foi premiada com o galardão “Campeões das Zonas Áridas 2016”, atribuído pelo Ponto Focal Nacional Português da Convenção da ONU de Combate à Desertificação, pelo contributo dos seus projetos de cooperação para o Desenvolvimento no combate à degradação do solo, à desertificação e à seca em Matutuine (Moçambique). Um pequeno reconhecimento do trabalho que todas as equipas, parceiros, financiadores e comunidades dedicam na construção comum de um futuro com mais esperança e vida para todos!